

AS PRÁTICAS ESCOLARES DA FORMAÇÃO FEMININA DO COLÉGIO SÃO JOSÉ DE SANTOS

César Neves

Resumo

Este trabalho é o resultado da investigação sobre o Colégio S. José de Santos, fundado em 1924. Esta instituição tem grande importância na formação da juventude, sobretudo feminina. O estudo focou as práticas pedagógicas desenvolvidas pelas Irmãs na primeira metade do século XX, e teve como objetivo analisar os princípios da Congregação das Irmãs de S. José de Chambéry e o conceito de cultura escolar. O estudo baseou-se no acervo documental da Escola e as memórias de várias alunas da geração de 1938, chamadas “meninas de 38”. Verificou-se a grande preocupação com o preparo intelectual das alunas e com a formação religiosa na dimensão de serviço ao próximo. As práticas escolares desenvolvidas combinavam aspectos de ensino tradicional com princípios inovadores.

Palavras-chave: Formação feminina; Lideranças religiosas; Irmãs de Chambéry

Abstract

This study is a result of an investigation about Colégio S. José dos Santos, created in 1924. This institution is very importance for youth education, specially for women's education. The study looked at the pedagogical practices developed by the sisters in the first half of the twentieth's century and had the purpose of analysing the principles of the Congregação das Irmãs de S. José de Chambéry and the concept of school culture. It was based on reports and files of the school and on many students' memories, named the "38 girls", since they attended school in this decade. It was possible to see a concern with the intellectual development of students and with the religious education when considering the dimension of work for the other. School practices developed combined traditional with modern principles of teaching.

Keywords: *women's education; Religious leadership; Irmãs de Chambéry.*

O tema desenvolvido neste artigo é resultado da investigação histórica do Colégio São José de Santos, da Congregação das Irmãs de São José de Chambéry. Fundado em 1924, é uma instituição de grande importância na formação da juventude principalmente feminina santista, ainda hoje (2011).

Este estudo pretende entender parte da prática pedagógica desenvolvida ao longo dos anos no Colégio São José, considerado uma instituição de qualidade, sobretudo, no que tange à formação específica da elite feminina santista. Neste estudo estão presentes os princípios da Congregação das Irmãs de São José Chambéry, na primeira metade do século XX; nunca identificar quais os ideais e os valores desenvolvidos pela Congregação das Irmãs de Chambéry na formação humana, social e profissional de suas alunas.

Na historiografia brasileira há algumas produções sobre as instituições escolares da Congregação, destaque para o trabalho pioneiro de Ivan Manoel, em seu livro: “A Igreja e educação feminina: Os colégios das Irmãs de São José de Chambéry (1859-1919)”, que estuda a filosofia e o trabalho da primeira Congregação a dedicar-se à educação feminina no estado de São Paulo. E também a dissertação de Maria Iza Gerth Cunha, “Educação feminina numa instituição total confessional católica: Colégio Nossa Senhora do Patrocínio” (USP, 2000).

Sobre o Colégio em Santos, há um livro de memórias de ex-alunas, publicado em 1981, escrito por Aymar de Oliveira Lima Cruz, intitulado “Meninas de 38”, onde se percebe, pelos depoimentos, o cotidiano escolar do Colégio. A autora, normalista, escritora e artista, reuniu durante anos cerca de quarenta depoimentos, de maneira não rigorosamente acadêmica, mas sem dúvida com vocação de pesquisadora. O Inspetor de Ensino professor Luiz Tramonte Garcia, que prefaciou a obra, sintetiza a contribuição do livro:

“Meninas de 38”, relembra, em especial, para a turma do Colégio São José, formada neste ano, o que de evocativo e peculiar fica indelével gravado na memória de cada uma, mas que no livro em apreço irá tornar patente, unificando, para sempre, todas as transe vividas em comum num pedaço de suas vidas jovens, durante a fase de seus estudos secundários (CRUZ, 1981, p.6)

São quase inexistentes os estudos sobre o Colégio São José de Santos. Portanto, é de suma importância pesquisar e deixar registrados períodos da história da escola.

Os referenciais teóricos utilizados neste estudo perpassam as questões da cultura escolar, de história da instituição escolar católica e as questões da formação feminina.

As práticas escolares têm o objetivo de interiorizar os conteúdos científicos e culturais e as normas que marcam a educação. A disciplina foi um ponto básico na educação da juventude. A Escola, nesse sentido, continuava com mais rigor o clima da sociedade e das famílias. Uma prática comumente testemunhada pelas alunas era a de mandar para fora de classe as alunas conversadeiras.

As das práticas desenvolvidas, em que se percebe o domínio e o controle sobre o corpo, eram as aulas de etiqueta, muito valorizadas, pois as alunas deviam assimilar um comportamento elitista, “civilizado” ou de atitudes de modelação social que precisavam internalizar na sociedade, nos encontros de sociabilidade. A escola brasileira em geral já colocava, desde o século XIX, as lições de urbanidade.

Por sua vez as lições de urbanidade poderiam ser praticadas por meio de atos de gentileza e de gestos como os de agradecimento e desculpa, em situações informais ou mesmo aproveitando uma aula de leitura (fábulas, por exemplo) como sugere

o programa da escola infantil de 1912 e o programa dos grupos escolares de 1925, em Minas Gerais (VEIGA, 2009, p. 87).

O que se confirma:

Outra coisa que ficou bem marcada na minha memória foi a etiqueta que tínhamos de seguir, embora atrasada de uma geração. Entretanto as freiras nos ensinaram como nos comportar, na maneira de sentar, de nos curvar, de ficar em pé, com as mãos postas à frente da cintura. Cumprimentávamos os professores em francês: 'Bon jour, Ma Mère'. Recordo-me também que quando alguém falava um pouco mais alto as Irmãs repreendiam, pois tínhamos que falar baixo, delicado, em tom de conversa [...] Nivia Rocha Silveira (CRUZ, 1981, p.169-170).

A Irmã Luísa de Jesus, apelidada de Condessa, ensinava regras de etiqueta:

Ensinava como usar as luvas, a maneira elegante de como sentar, descansando a mão no regaço. De como ficar em pé, na posição ereta, ombros para trás, testa levantada, olhar firme e nobre. Sentávamos e levantávamos sem fazer ruído, de forma distinta. Edmée Miguel Frayse, (CRUZ, 1981, p. 92).

Observa-se, ainda, um ensino centrado na palavra, no discurso do mestre: "O professor Carranca escrevia no quadro negro de cima até em baixo e mandava a gente copiar [...]", depoimento de Nair Carvalho (CRUZ, 1981, p.159).



*Luiz Fernandes Carranca
(Matemática)*



*Domingos Aulicino
(paraninfo, inúmeras vezes)*

Professores - álbum de formatura de 1940.

O ensino era ainda de memorização, embora já se notassem procedimentos de uma educação mais ativa. Disse Nilza Ferraz Machado: "No colégio, fui estudiosa e comportada. Sempre tive muito boa memória" (CRUZ, 1981, p. 167)

Registra Marília Pereira, que se formou em letras no Sedes Sapientiae, algo nesse sentido que ficou na sua memória:

Outro episódio que não esqueci entre Thereza Penna e o inspetor Garcia. A prova de Thereza estava impecável. Sem erros, todos os pontos e vírgulas nos lugares exatos. O inspetor Luís Tramonte pensou que era cola, quis anular a prova. A Thereza, muito calma, respondeu: 'O senhor não pode fazer isso, não cole nada, juro por Deus, decorei tudo, até os pontos e as vírgulas. (CRUZ, 1981, p.154)

Isso nos faz pensar que um ensino desse tipo levava realmente ao uso da “cola” tão comum na escola, quando a memorização excessiva patrocinava tal atitude: Aymar lembra (1981, p.129) que uma aluna que era boa em História da Civilização escreveu acertadamente que Julio César Augusto era um imperador romano. Como sua letra era grande, uma colega, que não sabia a matéria, conseguiu ler a frase depois de muito esforço e passou errada a cola. Cinco alunas escreveram na prova que ele foi um grande campeão olímpico de natação (um “nadador” romano). E que D.Marieta foi verificar em livros se realmente o Augusto tinha essa qualidade...

Outro aspecto importante mais ligado à educação nova eram os procedimentos curriculares realizados fora da sala de aula.

As quermesses, que poderiam parecer apenas um divertimento ou modo de angariar dinheiro, tinham papel educativo muito grande: levavam a atividades comunitárias, de participação de grupo, desenvolviam a criatividade e o espírito de iniciativa:

[...] falemos da quermesse. Para mim, foi uma maravilha. Aprendi a me desinibir, servindo cafezinho, comunicando-me com as pessoas. Porque era bastante tímida. Gostei demais da quermesse. Você sabia que fui eu quem deu idéia de como seria a nossa barraca? Fiz o desenho para a decoração, aquele bule enorme de café”, diz Neusa Teixeira da Silva (CRUZ, 1981,p.162).



Quermesse realizada em 1938.

Vários passeios são registrados em fotos ou depoimentos. São atividades mais dinâmicas, que levam ao contato direto com o meio social e são técnicas renovadas de trabalhar a educação, utilizadas pela Escola Nova e em especial por C. Freinet. Estão dentro do princípio da escola ativa, pois envolvem maior participação dos estudantes.

Em que consiste uma excursão escolar? – A excursão escolar é afinal uma viagem de estudos [...] alarga seus conhecimentos e seu espírito: ganha erudição que por sua vez adquirida objetivamente e não livresca, é de maneira mais duradoura; conquista o ambiente social muito mais largo [...] (BACKHEUSER, 1941, p.320).

Na documentação encontrada sobre o assunto as alunas foram ao Guarujá, a Suarão no litoral sul, visitar uma escola rural, excursões educativas a pontos históricos, Museu de Cera em São Paulo, Instituto Anchieta e Clube de Pesca. Visita de intercâmbio com a Escola Normal de Campinas. Visita ao Educandário Dom Duarte, em São Paulo, conhecimento sobre o funcionamento da Escola Nova”

O ensino intuitivo, o acesso às “lições de coisas” foram incentivadas pela legislação, obrigando as escolas a terem seus museus e laboratórios de história natural. A utilização de objetos, quadros, murais que permitissem um ensino mais concreto, mais “realista”.

A Escola Nova pretende novas relações entre alunos e professores, mas essa perspectiva encontra-se bem distante nas primeiras décadas do século XX. Embora já muitos professores sejam mais “amigos”, o que se observa em alguns é bem tradicional.

Nos depoimentos das “meninas de 1938”, embora considerem a Zulmira Campos competentíssima, reconhecendo o seu mérito como professora, são unânimes em declarar o seu terror ao terem que apresentar lições:

- E Irmã Edith?

- Essa, sim, um amor, nasceu para ensinar. A minha opinião sobre Dona Zulmira é igual à de todas vocês. Método de ensino formidável. Era enérgica e a gente tinha medo, mas aprendemos (CRUZ, 1981, p.159)

Nilda Ferraz Machado recorda:

Essa [Dona Zulmira] me proporcionou um momento feliz em minha vida. Chamou-me para ler ‘O juramento do árabe’ Fui como uma condenada. Ela me disse: ‘Vou te dar 9 e meio, não dou 10 para ninguém’. No resumo do ‘Estouro da boiada’, também tive 9 e meio, porque esqueci uma vírgula. Veja a importância de uma vírgula. (CRUZ, 1981,p.167)

[...] “Dona Ítala chegou para dar aula. Já entrou na classe dizendo: ‘Quero o máximo de silêncio. Quem fizer barulho irá para fora da classe e isso será muito desagradável, porque durante o ano nunca precisei fazer isso” Odete Rodrigues Lima (CRUZ, 1981, p. 176)



Professora Zulmira Campos.

A escola teve vários tipos de uniforme diários, semelhantes aos das grandes escolas religiosas. Havia roupas especiais para educação física; de gala para ocasiões como desfiles cívicos e procissões religiosas.

Também no que se refere ao uniforme, além de suas mangas longas, as meninas usavam obrigatoriamente “meias compridas”, cobrindo as suas pernas.

Do uniforme eu me lembro bem. Era muito bonito, muito bonito. Durante a semana era cáqui, tipo avental, todo enfeitadinho de “soutache”. Mas isso foi só no primeiro ano quando estávamos na Dr. Cóchrane. Quando viemos para a Ana Costa nos anos seguintes, o uniforme também mudou. Aí a cor era bege, a saia pregueada, cintura baixa. A fazenda chamava-se “palha de seda”.¹

¹ Depoimento de MARIA DE LOURDES GONÇALVES.



Uniformes utilizados no Colégio São José em diversas épocas.



Uniformes utilizados no Colégio São José em diversas épocas.

As figuras anteriores mostram a evolução e a diversidade na utilização dos uniformes. A cada situação, um uniforme específico.

O Código de Educação do Estado de São Paulo de 1933 valorizava as instituições auxiliares da Escola, entendidas como “instituições que, fugindo mais ou menos ao rito costumeiro da aula, contribuem para facilitar a educação ou para estender-lhe o raio de ação”, entre elas a biblioteca infantil, o jornal, o orfeão, a horta escolar etc.

A valorização das bibliotecas é um dos itens da Escola Nova, pois motiva os alunos a buscarem respostas para suas perguntas, na perspectiva do ensino ativo.

O movimento de Escola Nova contribui significativamente para a instalação de bibliotecas nas escolas. Esse espaço era caracterizado como de aprendizagem para os alunos e também de formação para os professores.

Ao assumir a direção geral da Instrução Pública do Distrito Federal, Fernando de Azevedo, entre outras coisas, preocupou-se em organizar bibliotecas escolares. A partir de 1928, cada escola primária carioca ficaria obrigada a manter duas bibliotecas: uma para os alunos(as) e outra para professores(as). [...] Trimestralmente, o responsável pela biblioteca, geralmente um professor(a) da escola, auxiliado por alunos(as), tinham por incumbência efetuar uma estatística dos livros de preferência do corpo docente remetendo à diretoria um mapa do movimento bibliotecal (VIDAL, 2000, p.13)

A formação oferecida pelas bibliotecas não se limitava ao meio acadêmico-científico através de uma leitura e outra que as alunas teriam um diferencial. Oscar Tompson, em 1917, observava que

a ellas está destinado um grande papel, qual o de fomentar o gosto pela leitura individual. É na escola, e na escola primária, que devemos cultivar tão salutar habito; uma vez adquirido elle na infância, os nossos moços trocarão as noites passadas nos cafés, nos bares e nas ruas, pelo augusto recinto das bibliothecas e trato dos livros. As bibliothecas escolares representam, pois, importantíssimo papel na educação moral da nossa juventude²

A biblioteca tem fundamental importância na formação das gerações, principalmente dos professores. Isso está bem presente na quantidade e na qualidade dos livros antigos ainda dispostos nas prateleiras da biblioteca do Colégio São José. Muitos deles são textos sobre os princípios da Escola Nova.

Como vários são em língua francesa e espanhola, acredita-se que pelo menos as Irmãs deveriam fazer uso deles.

² Anuário do Ensino do Estado de São Paulo (1935-36) p147. Oscar Tompson no anuário de 1917.

	Ano	Autor	Título
1	1921	Jonh Dewey	El habito y el impulso en la conducta.
2	1926	Jonh Dewey	Ensayos de Educacion
3	1926	Jonh Dewey	La escuela y el niño
4	1929	Clotilde Guillen de Rezzano	Los centros de interesse en la escuela.
5	1931	Margarida Comas	El Metodo de projectos em escuelas urbanas
6	1931	Fernando Sainz	El metodo de proyecto en las escoleas rurales
7	1932	A.M. Aguarjo	Didática da Escola Nova
8	1934	Everardo Backheuser	Técnica da pedagogia moderna- teoria e prática da Escola Nova.
9	1940	Lourenço Filho	Tendências da educação brasileira
10	1941	Francisco Venâncio Filho	A educação e seu aparelhamento moderno
11	1942	Everardo Backheuser	Manual de Pedagogia Moderna
12	1926	Gustavo Wyneken	Escola y cultura juvenil I e II
13	1928	Luiz Santuchano	Metodo de proyotos
14	1928	Luiz Santuchano	Los nuevos programas escoles
15	1928	Garde Cousinet e Dewey, Adams	La escula laboratório

Exemplos de livros no acervo da biblioteca do Colégio São José

Para exemplificar foi levantado o acervo bibliográfico, sobretudo aqueles que estão relacionados à formação do professor. A título de exemplo, selecionaram-se os seguintes:

Os livros apresentados, por exemplo, demonstram uma preocupação com as práticas pedagógicas; são autores de renome nacional e internacional, o que para época era considerado modernidade.

Como Chartier sugere, a instituição apresenta a preocupação em manter conservados os livros consideradas de suma importância para a formação de um professor.

A partir do momento em que se transforma uma revista, um periódico, um livro em um texto eletrônico acessível em uma tela, propagado pela rede, parece que se pode dispensar a conservação do objeto original, já que o texto, de qualquer modo subsiste. Os historiadores do livro (como eu) estão, no entanto, muito preocupados com essa evolução. Com efeito, a forma do objeto escrito dirige sempre o sentido que os leitores podem dar àquilo que lêem. Ler um artigo em um banco de dados eletrônico, sem saber nada da revista na qual foi publicado, nem dos artigos que o acompanham, e ler o ‘mesmo’ artigo no número da revista na qual apareceu, não é a mesma experiência. O sentido que o leitor constrói, no segundo caso, depende de elementos que não estão presentes no próprio artigo, mas que dependem do conjunto de textos reunidos no mesmo número do projeto intelectual e editorial da revista e do jornal. Às vezes, a proliferação do universo textual acabou por levar ao gesto da destruição, quando deveria ser considerada a exigência da conservação (CHARTIER, 1999, p.127-128).

No dia 12 de agosto de 1931 foi instituída no Colégio São José a biblioteca da Escola Normal e a biblioteca infantil. Entretanto nos depoimentos das “Meninas de 38” (CRUZ, 1981) não há relatos sobre a utilização ou importância da biblioteca.



Biblioteca do Colégio São José.

Em entrevista com Hilda Franco Brandão, à pergunta sobre a utilização da biblioteca, respondeu que não era necessário pois os professores sabiam tudo.

Há dificuldade de comprovar a eficiência do uso das bibliotecas escolares, pois não se tem dados estatísticos sobre o número de consultas e de empréstimos domiciliares. O que tem é um grande acervo conservado de livros da época.

A utilização da biblioteca nas décadas de 1920-30 era ainda para uma elite acadêmica ou então para professores. Já no governo Vargas havia o interesse na criação de bibliotecas populares. Em 1937, ele criou o Instituto Nacional do Livro, que buscava, entre outras, a melhoria dos serviços bibliotecários. A disseminação da leitura entre o povo, entretanto tinha que vencer ainda a questão da alfabetização.

Entretanto, as bibliotecas infantis, públicas e escolares, que deveriam privilegiar a formação do leitor, não contavam nem com recursos humanos e financeiros adequados.

[...] na primeira República, o livro não foi considerado um instrumento valioso de disseminação cultural. O papel representado pelos livros nas escolas e no sistema educacional foi sempre um papel secundário, pois não havia bibliotecas escolares, grande parte dos professores era leiga [...] (SUAIDEN, 2000.p.55)

A formação religiosa era fundamental no preparo da juventude. A capela foi lugar sempre muito importante na vida do Colégio e em 1954 construiu-se um belíssimo templo no primeiro andar em cima do salão de eventos, substituindo a antiga capela. A capela, em homenagem a São José, servia às alunas e ao mesmo tempo, com suas missas, à comunidade do entorno. O colégio teve durante muitos anos

um capelão, padre Luiz Gonzaga. Frequentemente, outros sacerdotes vinham fazer palestras para as alunas. Padre Waldemar Valle Martins atendia a juventude do Colégio, muitas vezes.



Primeira Eucaristia presidida pelo Padre Luiz Gonzaga.

Não faltam elementos que elucidam a presença da formação religiosa no ambiente escolar. Os sacramentos, por exemplo, eram ministrados no próprio colégio. Além de diversas atividades de caráter religioso, como reza do terço, primeira comunhão, havia também integração dos movimentos da Diocese em atividades como Congresso Eucarístico, Festa de Cristo Rei, e de Nossa Senhora do Monte Serrat, padroeira da cidade etc.

Depoimento de Maria de Lourdes Gonçalves sobre o ensino religioso:

O Livro de Catecismo e o Livro de História Sagrada, contando histórias lindas e sobre passagens bíblicas. Histórias como a de Caim e Abel, Isaac e Abraão eram lidas, contadas e levadas à cena em teatralizações improvisadas pelas Irmãs; e as personagens tomavam vida na vida de cada uma das representações.³

Lembra Marília Pereira (CRUZ, 1981, p.154): “Se não viramos santas, não foi por falta de reza. E Irmã Luísa de Jesus não dava folga. Quando não era com palavras, rezávamos cantando na capela”.

³ Trecho do depoimento de Maria de Lourdes Gonçalves. Material elaborado para o II Encontro das Ex-alunas-Entrevista elaborada por Aymar Lima Cruz, também ex-aluna.

⁴ Depoimento de Marília Pereira no livro de Aymar, p.154.



Capela Antiga



Capela Nova

Fotos da capela antiga e nova.

No depoimento Ondina (CRUZ, 1981, p.78) “No mês de Maria, rezávamos o terço ali desde o a dia 1º ao dia 31 de maio”. A dedicação pela as atividades da Igreja estava presente nos eventos sociais (fig.8)



Participação de evento religioso em frente a Alfândega de Santos - 1955. Na foto, franciscano do Embaré.

Na década de 50, as alunas do São José participaram da cerimônia do Rosário Vivo, realizada no campo do Santos Futebol Clube, sob a coordenação do Monseñor Alfredo Pereira Sampaio e padre Waldemar Valle Martins.



Rosário vivo, 8 de dezembro de 1954.

A Juventude Estudantil Católica (JEC), da Ação Católica Brasileira, teve muitas militantes na instituição. A Ação Católica Brasileira Especializada (1950-1960) com os movimentos de juventude apresentava um novo jeito de evangelizar os jovens. A JEC apresentava uma grande possibilidade de mobilização dos jovens e promoviam diversos eventos de formação da juventude católica.



Palestra proferida pelo Padre Waldemar Valle Martins, assistente eclesiástico da JEC em 1950



Encenação teatral - “Os Pescadores de Homens”- 1952.

Em 1952, as alunas representaram um texto-leitura do Evangelho de Lucas, capítulo 5, 1-11, cuja objetivo era divulgar as mensagens de Jesus e evangelizar. A formação religiosa marcou de modo diferente as alunas. “Ondina, você continua tão religiosa quanto no colégio? - Não sou praticante. Acho que sempre que posso fazer o bem para os outros estou cumprindo com os ensinamentos de Deus”. (CRUZ, 1981, p.180)

Renata, outra aluna da turma de 1938, recorda: “Quanto à religião, se você é jovem você vai à missa, vai à igreja, porque é para ir. Só mais tarde é que a gente vai descobrindo coisas e as responsabilidades que adquirimos com a sociedade e Deus” (CRUZ, 1981, p.184).

Para Iolanda, a religião deu segurança nos momentos difíceis: “Sou fiel a todos os conceitos religiosos. Se não fosse a minha fé inabalável, minha resistência queimaria quando Dionízio faleceu” (CRUZ, 1981, p.191-192).

O colégio, para Iara, foi uma planta de raízes profundas, cujo tronco não é derubado, seja qual for a força da tempestade

[...] todos devemos ao passado alguma coisa, principalmente em se tratando de educação e cultura religiosa. São as diretrizes que influenciaram nossas vivências. Fazendo o Cursilho da Cristandade, respondi como padre Luiz ‘Que a religião é o suporte para vencer na vida’. Para mim, prevalece até hoje (CRUZ, 1981, p.194)

No meio da formação dessa juventude, colhiam-se vocações religiosas. Maria Thereza da Silva Penna, depois Irmã Consolata em Jesus Cristo, cuidou dos doentes de tuberculose durante quase toda a sua vida de religiosa: Thereza era engraçada, alegre descontraída, descobrindo no interior de cada uma aquilo que para nós outras ainda era invisível, impalpável [...] “Thereza comungava diariamente. Frequentava a missa da Pompéia e de lambuja não faltava à missa do colégio”, lembra Aymar de Oliveira Lima Cruz (1981, p.150). Maria Thereza era a filha do tradutor da Editora Nacional e delegado de ensino estadual, professor Luiz Damasco Penna.

O cristianismo insiste na caridade, nas obras de misericórdia, no atendimento ao necessitado: “Tive fome e me deste de comer, tive sede e me deste de beber”

etc. A ideia de serviço é fundamental na vivência do cristianismo. Pelos depoimentos das alunas de 1938, esse é um aspecto que ficou marcado e persiste até hoje em muitas.

Sejam vistos alguns exemplos: “Ultimamente, tenho saído uma vez por semana, para costurar para os pobres. É particular, não é em uma associação, é em casa de uma amiga, diz Odette (CRUZ, 1981, p.175)

Entretanto, o maior exemplo é da Associação Promocional das Ex-alunas do São José cuja a finalidade é “desenvolver um trabalho de amor ao próximo, orientar, participar e dirigir suas colegas e amigas para que cooperem com ela nessa gigantesca obra” (CRUZ, 1981, 197).

Maria da Conceição Morel dedica-se aos pobres de São Vicente de Paula e ainda encontra tempo de frequentar a associação das ex-alunas. “Ulde que vem falando em sangue novo para substituí-la na Associação Promocional”.

Esse trabalho desenvolveu-se com mais ardor a partir da criação da Associação das Ex-Alunas do Colégio São José.

Suas origens se deram em comemoração ao centenário da chegada ao Brasil da Congregação das Irmãs de São José. Na ocasião, foram convocadas as ex-alunas de todos os colégios presentes no território nacional. Os encontros foram organizados e liderados pelo Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, em Itú.

Esses encontros despertaram o desejo de algumas ex-alunas em se reunirem, relembrar os tempos em que passaram no colégio e desenvolverem atividades beneficentes.

Saudade, respeito, altruísmo e vontade de fazer algo em prol dos menos favorecidos foram os sentimentos que, encontraram ecos nos corações de algumas ex-alunas, as levaram a pensar na possibilidade de estender conceitos adquiridos de bondade e amor ao próximo. Seria o mesmo que alongar os braços parthenalistas do Colégio que as acolhera e lhes dera os melhores anos de suas vidas. Seria o mesmo que estender as benesses recebidas àqueles menos aquinhoados, que jamais a elas teriam acesso. Se era impossível resolver a totalidade dos problemas, pelo menos boa parte deles seria sanada. E foi, sem dúvida essa argamassa feita de saudade, altruísmo, amor cristão e muita coragem que alicerçou o edifício, ainda que, de início, apenas onírico, da Associação das Ex-alunas do Colégio São José.⁵

A Associação nasceu no dia 19 de março de 1958, dia de São José. Na ocasião, o estatuto foi elaborado e aprovado, tornando-se então personalidade jurídica. Mantida por mensalidades e por atividades que objetivavam a arrecadação de fundos. União e Amor ao Colégio e aos princípios de amor ao próximo, por Ele sempre pregados.

⁵ ASSOCIAÇÃO DAS EX-ALUNAS DO COLÉGIO SÃO JOSÉ. Evocação



Encenação teatral - “Os Pescadores de Homens”- 1952.

Desde sua fundação, as reuniões acontecem nas dependências do colégio, todas às quintas-feiras, à tarde.

A partir de 1963, em comum acordo com o bispo diocesano, Dom David Picão, os trabalhos de assistência foram concentrados em uma região muito carente, Vila Gilda, na Zona Noroeste em Santos, a fim de obter maiores resultados. Neste local, ainda hoje existe a sede a associação, onde funciona uma creche.

A história de uma fase, tão rica e feliz de nossa vida, permanece na memória de cada ex-aluna deste querido Colégio. Eis por que existe uma associação, com dupla finalidade: **unir** todas nós e **encaminhar-nos** ao amor dos irmãos carentes: é a Associação Promocional das Ex-Alunas do Colégio São José⁶

Foi então que, em Assembléia Geral de 1972, foi alterada o nome da entidade para “Associação Promocional São José”, afim de que facilitasse a captação de recursos. Pois “Associação das Ex-Alunas” tinha como característica um agrupamento elitista, cheio de lembranças e devoções; como podemos ver no Hino da Associação Promocional São José:

Hino da Associação Promocional São José

Salve, ó Escola, sempre bendita,

Que nos legou Amazonas de luz,

Deu-nos a fé, firme, infinita,

Que pela vida nos orienta e conduz.

Em nossas almas foi semeada

⁶ Depoimento de Dinorah Costa Franco, ex-presidenta a Associação Promocional das Ex-Alunas do Colégio São José.

De amor cristão e sublime caridade

E a semente frutificou

Em obra de humana solidariedade

Das ex-alunas a Associação

Promocional São José

Vê em cada pobre um seu irmão

E com amor dá-lhe o amparo e a fé.⁷

Muitas vezes, a prática religiosa (ir à missa, confessar etc.) não permaneceu, mas o que se nota em muitos dos depoimentos a fé se manteve como também o desejo de minorar o sofrimento dos mais necessitados.

As Irmãs do São José procuravam nos seus ensinamentos valorizar e fortalecer a família. Isto está muito marcante em muitos depoimentos, que mostram casamentos felizes e duradouros. “Só a educação religiosa completa a educação do lar. É completar e eficiente” na opinião de Maria Aparecida Vasconcelos (CRUZ, 1981).

Maria Luiza Prost Melchert, na época do depoimento já era viúva de Olympio Alves de Carvalho e Silva, observou o seguinte:

A família é a base da sociedade. Não há salvação quando se desmorona, causando incalculáveis problemas para as gerações, principalmente para os adolescentes[...]A base da formação dos meus filhos se firma em princípios morais bem implantados. (CRUZ, 1981, 148-146)

Odette Barroso escolheu entre profissão e família: “Quando sai do colégio, lecionei no Colégio São Leopoldo, durante oito anos de 40 a 48 como substituta. Lecionei junto com Ruth Alcover, Inah também. Daí saí para cuidar de minha casa. Casei, tinha de cuidar de meu marido. Pedi exoneração do meu cargo e fiquei em casa. Há tanto que fazer em um casa! Dediquei minha vida a meu marido e a meus filhos. Graças a Deus, tenho um marido bom. (CRUZ, 1981, p.174).

Entre as conclusões, percebe-se que a grande preocupação das Irmãs do Colégio São José era, ao lado da formação religiosa (marcada com a dimensão do serviço ao próximo) uma formação humanística de nível elevado e que as práticas pedagógicas evidenciaram aspectos de ensino tradicional mesclados com princípios de aprendizagem inovadores.

⁷ Hino da Associação Promocional São José de composição de Emiliana Delminda Andrade Sgueglia, 1974.

Referências

- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1997. p.115-132.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. *Ideologia e Educação brasileira: Católicos e Liberais*. São Paulo: Cortez& Moraes, 1978.
- CUNHA, Iza Gerth da. *Educação feminina numa instituição total confessional católica*: Colégio Nossa Senhora do Patrocínio. 1999. (Mestrado em Educação). Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da USP.
- CRUZ, Aymar de Oliveira Lima. *Meninas de 1938*. São Paulo: Loyola, 1981.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de, GONÇALVES, Irlen Antonio, VIDAL, Diana Gonçalves, PAULILO, André Luiz. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.30, n.1, 2004, p.139-159.
- JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas. n. 1, jan-jun. 2001. p. 10-11.
- MANOEL, Ivan Aparecido. *Igreja e educação feminina: uma face do conservadorismo (1859 -1919)*. São Paulo: UNESP, 1996.
- NEGRÃO, Ana Maria Melo. *Infância, educação e direitos sociais: "Asilo de Orfãs" (1870-1960)*. Campinas: CMU, 2004.
- PEREIRA, Maria Aparecida Franco. *Santos nos Caminhos da Educação Popular (1870-1920)*. São Paulo: Loyola/Prefeitura Municipal de Santos, 1996.
- _____. A igreja e a pobreza em Santos, no governo dos dois primeiros bispos. In: *DIOCESE DE SANTOS: 70 anos de história e fé*. 1994, p.66-81.
- SILVA, Olívia Sebastiana. *Uma alma de fé: Madre Maria Teodora Voiron*. São Paulo: Ave Maria, 1979.
- VEIGA, Cynthia Greive. Elaboração de atos civilizados na constituição das relações entre professore e alunos (1827-1927). *REVISTA SBHE*, n.21,p. 61-92,set./dez. 2009.
- VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes Faria; VEIGA, Cynthia Greive Veiga. *500 anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.497-517.
- SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: UNESP, 1998.
- SUAIDEN, Emir José. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v.29, n.2, p.52-60, maio/ago. 2000.